

Urbanidades, de passagem¹

Thayla Fernandes²

186

“Sempre de passagem”... Assim nos classifica, etiqueta-nos a Urbe. Não há melhor lugar do que a rua, durante a oportunidade de um caminhar, para pensarmos sobre a efemeridade que nos cerca, que até mesmo nos integra. Nela, na Urbe, se faz presente a ideia da transitoriedade, do não-permanente, de forma que como certeza só recebemos uma única coisa: nada se estabiliza.

Observamos a cidade por meio de seu efeito de deixar sempre passar, usando as lentes da inquietude das pessoas que vem e vão a todo instante de suas vidas. Elas vêm; às vezes as notamos, às vezes as tomamos por anos e ainda por mais vezes elas simplesmente desaparecem, sem que nunca mais as vejamos. Em quantas vidas já esbarramos? Em quantos olhos, ainda que sem querer, já focamos os nossos? Cada movimento é uma prova de vida, mas é em cada um destes movimentos que também nos deslocamos – de algo, de um espaço e/ou momento, que nos era familiar, que nos pertencia – em direção a uma situação de incômodo, de desconfiança. Qual é o limite entre a influência que na Urbe exercemos e a influência que ela em nós exerce? Esta transitoriedade necessária surgiu dela, de nós, ou da relação entre estes dois sujeitos (admitindo aqui a urbe como um verdadeiro ser, como um organismo, dona de identidade, por que não, próxima da nossa)?

O objetivo deste trabalho é fazer pensar – construir o pensar através do “ver” – com base no congelar claro de paisagens e no esconder do humano – sobre o nosso passar, o nosso atravessar, a velocidade que escolhemos para acompanhar os passos da cidade, e a sua brincadeira aparente de sempre nos fazer sentir desacelerar quando o que mais desejamos é ter ainda mais tempo, pois nunca suficiente é a nossa velocidade...

¹ Fotografias feitas com as câmeras digitais Nikon D60 e Sony Cybershot.

² Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo.



Passam passos, reflexões, um pouco de tudo

Eu continuo?

Na Urbe, de tanto o que se encontra,

mal sabe o que pode encontrar

Um absurdo?



Curvas observadas engolem

Em desvio – a sua garganta torta – aviso:

“manter-se à esquerda”,

e manter-se, de qualquer forma, é complicador

mas, mover?



O que engole, a garganta? O que cospe?

Transforma

Fogueira de luzes, curvam-se a ela as imagens

Pelas cores nada mais se distingue

Complica-se o discernir, misturam-se todas,

Percepção, queima – surge só uma cor – em cinzas



Em meio ao cinza, o que sobra?

Por entre todos passam todas as outras rotinas

Descompassos também passam, correm os tantos pés

Para onde vão possibilidades de um olhar?

Forjar um esbarro – para quase te conhecer



Mais um dia, mudam os tons das luzes. Perceber?

Correria

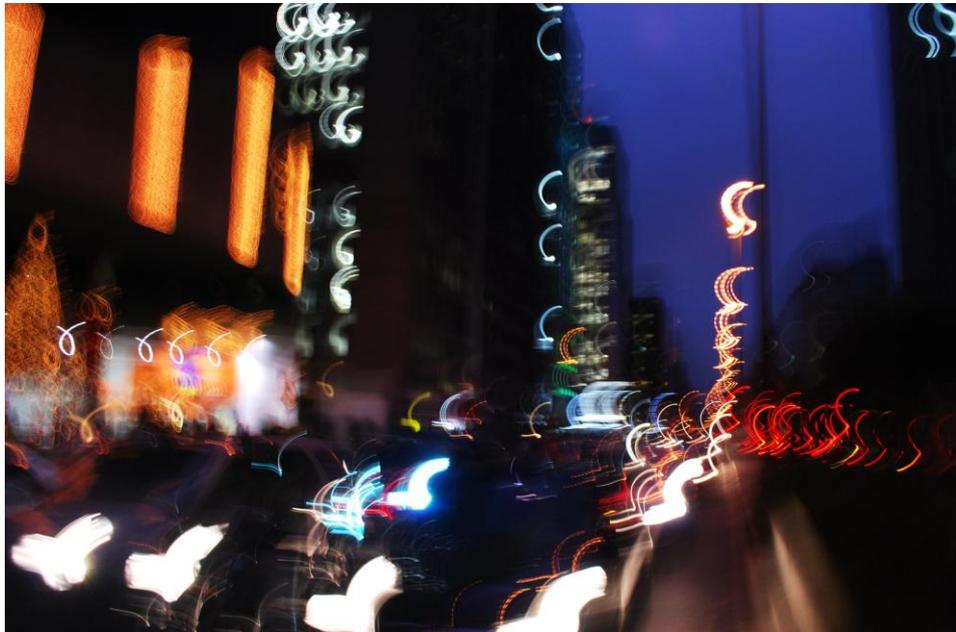
Como deixar-se ser em meio aos outros tantos?

Sou conjunto ou separado?

Apenas e de novo, tudo corre e eu pouco me movo



Fazer parte do espaço,
Digo “me acostumo”, mas após anos não conheço
entregar-se ao instantâneo
Por apenas passar, desapareço
O que resta frente a isto que se imprime, à velo-cidade?



Sentir lapsos, avistar fragmentos vários
Ciclos de fazer pela cidade, realizar-se para se desprender
À minha frente, luzes
Explosões nada distantes, mais e mais rápido
[eu] Corro. [dos] Carros



Atrás de mim prossegue, me segue, o som de vários sons

Mesmo estes respeitam a uniformidade

Sua posição aqui - imposição.

Alguém disse, - podes ir por ali

e foi e foram, todos quantos são foram

lado a lado, mas entre algo



A vida, doce via, é transpassar

Um algo de branco encolhido no preto de asfalto

É este o meu espaço?

Como te acompanhar?

Todas as esperas sobrepõem a reivindicação - sozinha



Mas então finalmente movi os pés
Movi e vi – retorno,
inacabada a via-vida não movi, nem vi
Ah, e quem me disse, quem só disse
Para onde eu poderia ir?